

GT-5 – Política e Economia da Informação

ISSN 2177-3688

**ÉTICA INTERCULTURAL DA INFORMAÇÃO:
CONVERGÊNCIAS TEÓRICO-CONCEITUAIS EM TORNO DO PENSAMENTO DE FRONTEIRA**

***INTERCULTURAL INFORMATION ETHICS:
THEORETICAL-CONCEPTUAL CONVERGENCES AROUND BORDER THINKING***

Beneildo Rodrigues Oliveira Pereira - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Edna Gomes Pinheiro - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Edivanio Duarte de Souza - Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A intersecção entre ética da informação e epistemologias do Sul aponta caminhos teórico-conceituais para estudos acerca da ética intercultural da informação, no domínio da Ciência da Informação, com o intuito de refletir sobre a importância do reconhecimento e da valorização das diferentes perspectivas de conhecimentos subalternizados. Nesse sentido, esta comunicação visa discutir a convergência existente entre ética da informação e epistemologia do Sul, considerando a ética intercultural da informação como horizonte para um pensamento informacional de fronteira. Para tanto, foi realizada pesquisa exploratório-descritiva, operacionalizada via levantamento bibliográfico, com abordagem qualitativa, realizada na Base de Dados da Ciência da Informação, que visou subsidiar preliminarmente a delimitação da discussão, considerando as lacunas na produção científica. Os resultados demonstram centralidade das pesquisas sobre ética da informação em processos e produtos relacionados às tecnologias digitais de informação. Considera-se que discussões realizadas a partir desse vazio epistêmico em torno da interculturalidade podem contribuir inicialmente para a reflexão sobre o acesso, a apropriação e o uso da informação, em contextos diversos e, especialmente, na produção, na comunicação e na divulgação de conhecimentos sobre ética intercultural da informação.

Palavras-chave: ética da informação; ética intercultural; epistemologias do Sul; justiça cognitiva.

Abstract: The intersection between information ethics and epistemologies of the South points theoretical and conceptual paths for studies on intercultural information ethics in the field of Information Science, in order to reflect on the importance of recognizing and valuing different perspectives of subalternized knowledge. In this sense, this paper aims to discuss the convergence between information ethics and epistemology of the South, considering intercultural information ethics as a horizon for a frontier informational thinking. For this purpose, an exploratory-descriptive research was carried out, operationalized through a bibliographic survey, with a qualitative approach, carried out in the Information Science Database, which aimed at preliminarily subsidizing the delimitation of the discussion, considering the gaps in the scientific production. The results show the centrality of research on information ethics in processes and products related to digital information technologies. It is considered that discussions held from this epistemic void around interculturality may initially contribute to the reflection on access, appropriation and use of

information, in diverse contexts and, especially, in the production, communication and dissemination of knowledge on intercultural information ethics.

Keywords: information ethics; intercultural ethics; epistemologies of the South; cognitive justice.

1 INTRODUÇÃO

O alvorecer do século XXI apresentou novas formas de olhar, sentir e lidar com o mundo, em suas diversas matizes, sobretudo, mediadas pelos questionamentos científico-sociais em torno do modelo de analiticidade moderno, forjado num pensamento colonial, que separa, hierarquiza, domina, oprime e, muitas vezes, exclui práticas culturais diversas do reconhecido paradigma hegemônico ocidental. Nesse domínio, emergem questionamentos, críticas e movimentos de superação do estado de subalternidade a que práticas científico-sociais e seus atores foram historicamente submetidos.

Fundado na valorização da integração, da igualdade, da liberdade, da autonomia e da inclusão, um pensamento crítico contemporâneo passa a observar as marcas do silenciamento e da exclusão a partir de marcadores sociais diversos, tais como raça, gênero, classe, sexo e conhecimento, dentre outros. O ambiente dialógico que sustenta este pensamento tem, em grande medida, fundamento na interculturalidade do saber, que sinaliza, pelo menos, para a diminuição dos efeitos da colonialidade do poder, que se materializa na continuidade do modelo de poder hierárquico-hegemônico.

Nos domínios político e epistemológico, trata-se da valorização dos saberes originários de áreas colonizadas e da quebra da continuidade desse modelo de poder hierarquizado, potencializando a identificação do que Mignolo (2003) denominou de “diferença colonial”, ou seja, do espaço onde histórias locais diferentes se encontram e criam condições para situações dialógicas, que possibilitam o chamado “pensamento de fronteira”, que, a partir de movimentos de resistências, promove uma ética intercultural.

Nos domínios mais próximo dos conhecimentos em informação, a intersecção entre estudos sobre “ética da informação” e “epistemologias do Sul” é, por conseguinte, um assunto crítico que aponta para o chamado anarquismo epistemológico, termo apresentado pelo filósofo Paul Feyerabend, que desperta o sentido de contraposição de um pensamento de submissão na busca por “[...] encontrar novos meios não tradicionais nas descobertas científicas.” (PRADO, 2020, p. 54). Em outras palavras, trata-se de um pensamento contra

intuitivo das teorias e das perspectivas ocidentais e dominantes do saber, estimulando um reconhecimento cognitivo de populações historicamente subalternizadas.

Tomando como referência a bipartição entre Norte Global e Sul Global, é de se considerar que, tradicionalmente, a ética também é tratada nos moldes ocidentais hegemônicos, negligenciando outras perspectivas e outros valores que estão fora destes padrões, bem como as perspectivas epistemológicas que são influenciadas por uma ciência eurocêntrica, que silenciam diversas vozes. Porém, a importância de se abordar a ética sob uma perspectiva mais inclusiva estabeleceu novos campos de estudos dentro desta ciência, a exemplo das éticas indígena (KRENAK, 2019), feminista (WALKER, 2007) e intercultural (CARDONA; SILVA, 2020), as quais visam ampliar o debate sobre justiça e promover um diálogo mais inclusivo e igualitário diante da “cegueira” promovida pela ciência moderna.

Na Ciência da Informação, os estudos sobre produção, apropriação, organização, disseminação e preservação da informação têm preocupação entrelaçada à sua essência transdisciplinar (SILVA; FREIRE, 2012), pois o campo surge com um enfoque de ciência eurocêntrica (AGUILAR, 2009) ou como uma ciência anglo-saxônica, com abordagens multidisciplinares orientadas a conformações interdisciplinares. Contudo, vem alterando sua perspectiva em relação à informação, pelas potencialidades que ela representa para a construção de identidades e de uma sociedade mais humana, mais justa e mais igualitária. Nesse horizonte, passa a abordar questões historicamente esquecidas e/ou silenciadas, tais como acesso à informação por comunidades originárias e/ou quilombolas, autodeterminação da informação e proteção de conhecimentos tradicionais.

Nesse cenário, a ética da informação vem se revelando um assunto progressivamente expressivo para refletir epistemologicamente a Ciência da Informação, na medida em que chama a responsabilidade do fenômeno informacional, neste histórico cenário de exclusão. Assim sendo, a presente comunicação, entre outras possibilidades, permite refletir acerca do impacto social dos processos informacionais na construção, na preservação, no respeito e no fortalecimento de identidades culturais, além do combate à apropriação indevida de conhecimentos tradicionais. Em outros termos, busca promover um maior diálogo intercultural, reconhecendo a diversidade e o respeitando às diferentes perspectivas, permitindo que se tenha uma visão holística da ética da informação, no horizonte de uma ética intercultural da informação.

O objetivo desta comunicação, que é parte das reflexões e das construções teóricas de uma pesquisa de doutoramento, é discutir a convergência existente entre “ética da informação” e “epistemologia do Sul” no cenário da Ciência da Informação, que, numa perspectiva de uma ética intercultural da informação, pode emergir nas fronteiras do pensamento moderno-hegemônico. Pretende-se refletir como essas perspectivas críticas têm questionado os paradigmas éticos e epistemológicos ocidentais dominantes, buscando promover abordagens mais inclusivas e de respeito às diversidades culturais e epistêmicas. Além disso, busca-se estimular o leitor a contatar e (re)conhecer novas lentes teóricas, considerando a diversidade de saberes, permitindo-se a novos diálogos e fortalecendo um pensamento contra indutivo ou decolonial, opondo-se a uma noção de autoridade informacional e promovendo inclusão científica, social e intercultural.

Nesse percurso, é importante destacar que estudiosos como Enrique Dussel (2000), Walter Mignolo (2010) e Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses (2009) já questionavam a perspectiva da dominação intelectual do Norte epistêmico sobre o Sul epistêmico, estimulando a ruptura das limitações historicamente impostas sobre a produção e a validação do conhecimento, que, como dizem Santos e Menezes (2009), é resultado de um pensamento abissal. Porém, Santos (2008) já advertia que todo conhecimento é autoconhecimento e que, quanto mais o indivíduo conhece sobre o que está “fora”, e como os elementos aí se relacionam, há também mudança na sua perspectiva em relação ao mundo e na sua forma de interagir, respeitar e reconhecer o outro como racional, saindo de um modelo de ciência dominante para um paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente.

2 A ÉTICA DA INFORMAÇÃO NO HORIZONTE DO PENSAMENTO DE FRONTEIRA: DA BUSCA AOS INDICADORES DA PRODUÇÃO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Ao procurar situar a ética intercultural da informação como elemento fundamental ao pensamento de fronteira, no domínio da Ciência da Informação, tomou-se como pressuposto as produções sobre “ética da informação”, “ética intercultural” e “epistemologias do Sul”. Para tanto, foi realizada inicialmente uma pesquisa exploratório-descritiva, operacionalizada a partir de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa. Com efeito, a pesquisa exploratório-descritiva busca catalogar e caracterizar os

fenômenos, as situações e os eventos, indicando suas marcas mais distintas ou diferenciadoras (SELLTIZ *et al.*, 1967).

A pesquisa bibliográfica, por sua vez, “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2002, p. 44). Assim sendo, foram realizados levantamentos em artigos acerca da relação entre os termos mencionados na produção científica brasileira da Ciência da Informação. Nessa perspectiva, o levantamento foi realizado na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), que indexa anais de eventos e periódicos científicos, no período de 1972 a 07 de julho de 2023, utilizando-se os termos “ética intercultural”, “ética da informação” e “epistemologias do Sul”, no singular e no plural, bem como os termos em inglês “information ethics”, “intercultural ethics” e “epistemologies of the South”. Para tanto, foram realizadas buscas simples e avançadas, nestas utilizando o operador booleano AND nos campos “título”, “palavras-chave” e “resumo”, que levaram aos resultados do Quadro 1.

Quadro 1 – Indicadores da produção na BRAPCI (1972-2023)

Estratégias de busca	<i>f(x)</i>
“ética da informação” AND “ética intercultural” AND “epistemologias do Sul”	0
"ética intercultural" AND "epistemologias do Sul"	0
“ética da informação” AND “epistemologias do Sul”	0
"ética da informação" AND "ética intercultural"	1
“ética da informação”	47
“ética intercultural”	4
“epistemologias do Sul”	3

Fonte: Dados da pesquisa (1972-2023).

A partir desses resultados preliminares, adotou-se uma abordagem qualitativa, procurando estudar aspectos relacionados à constituição de um “pensamento de fronteira”, sem preocupação com parâmetros quantitativos, sejam estatísticos e/ou matemáticos. Operacionalmente, nesta pesquisa, o caráter qualitativo surge a partir da visão de alguns autores sobre os diferentes pontos de vista das possíveis relações entre epistemologias do Sul, a ética da informação e a ética intercultural, no contexto da Ciência da Informação.

É importante destacar que o mapeamento prévio da produção científica, presente no Quadro 1, pode instigar a reflexão acerca dos conteúdos abordados, característica presente no estudo qualitativo, que não se trata de um conjunto fechado de informações, sobretudo, em decorrência própria natureza do objeto (MENEZES *et al.*, 2019).

Então, a partir deste levantamento, constatou-se que não há precisamente produções científicas que relacionem os três termos tratados nesta comunicação, tampouco trabalhos que relacionem “epistemologias do Sul” à “ética intercultural” e/ou à “ética da informação”, o que pode ser considerado uma lacuna dentro do campo da Ciência da Informação, embora a temática “ética da informação” esteja presente nesta produção desde o ano de 2000. Contudo, neste universo, há sete artigos que se situam mais próximos do chamado “pensamento de fronteira”, que abordam questões críticas vinculadas à subalternidade do saber, conforme Quadro 2. Além disso, grande parte da produção aborda a ética na relação com as tecnologias digitais de informação e a privacidade de dados, distanciando-se da temática proposta nesta comunicação. Cabe destacar que para a seleção dos artigos do Quadro 2, consideram-se as palavras-chaves, o resumo e a conclusão de cada um dos artigos prospectados.

Quadro 2 – Artigos sobre ética da informação na relação com o pensamento de fronteira

Título	Autoria	Periódico	Ano
Novos desafios epistêmicos e sociais da Ciência da Informação	ALMEIDA, M. A.; SANTOS, G. F.	Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação	2023
Pele negra, algoritmos brancos: informação e racismo nas redes sociotécnicas	BEZERRA, A. C.; COSTA, C. M.	Liinc em revista	2022
Epistemografia Interativa no campo da Ciência da Informação	BEZERRA, V. C. A.; SALCEDO, D. A.	Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal)	2022
Contribuições da Ética da Informação para os estudos étnico-raciais	SILVA JÚNIOR, J. F.; SCHNEIDER, M. A. F.	Arquivos e Bibliotecas (Portugal)	2020
Do 11/9 à COVID-19: a vigilância de Estado na perspectiva da ética intercultural da informação	BEZERRA, A. C.	Informação & Informação	2020
Metodologias colaborativas não extrativistas e comunicação: articulando criativamente saberes e sentidos para a emancipação social	FASANELLO, M. T.; NUNES, J. A.; PORTO, M. F.	Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde	2018
Contribuições habermasianas para uma ética intercultural da informação: aproximações	IULIANELLI, J. A. S.	Logeion: filosofia da informação	2016

Fonte: Dados da pesquisa (1972-2023).

Os trabalhos selecionados no Quadro 2 abordam temáticas voltadas a reflexão e a ação diante de cenários de desigualdades informacionais, que se estendem aos meios digitais, e as dificuldades de busca e de recuperação de informações que promovam a

captação de pensamentos subalternizados. Além disso, consideram o impacto das tecnologias de informação e comunicação em diferentes culturas, a apropriação de conhecimentos, o respeito à privacidade e a necessidade de abordagem intercultural em um mundo com práticas cada vez mais homogêneas e, nesse cenário, de refletir sobre o papel da Ciência da Informação na produção de um conhecimento emancipatório.

Este levantamento preliminar foi essencial para evidenciar alguns parâmetros sobre como as publicações que abordam a ética da informação, a ética intercultural e as epistemologias do Sul, uma vez que, mesmo que separadamente, lançam luzes no horizonte da ética intercultural da informação, que procura situar a discussão sobre os conhecimentos em informação no contexto mais amplo das epistemologias críticas contemporâneas, bem como orientar as discussões no domínio dessas lacunas.

3 ÉTICA DA INFORMAÇÃO E EPISTEMOLOGIAS DO SUL: A DESCOLONIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS EM INFORMAÇÃO

Em que pesem os resultados dos levantamentos, sobretudo, do Quadro 2, discute-se a partir de referenciais diversos sobre as possibilidades de pensamento informacional orientado por uma ética intercultural da informação, tomando como ponto de partida a ética da informação e as epistemologias do Sul. Para tanto, é relevante precisar inicialmente o significado etimológico do termo “ética”, bem como seus desdobramentos de sentido quanto à informação, para que se possa compreender o papel das discussões que devem ser levantadas acerca da importância de uma ética intercultural.

Segundo Crisostomo, Varani e Pereira (2018), a palavra “ética” tem origem do termo grego “*ethos*”, que traz um sentido de morada, abrigo permanente. Essa morada refletia um sentido de segurança, em que os indivíduos poderiam viver segundo normas e leis existentes na cidade e que tornaria a convivência mais harmônica. “Esse primórdio de aprofundamento sobre a ética remonta ao século VI a.C., período na Grécia em que *ethos* (modo de ser ou caráter) era o lugar que abrigava os indivíduos-cidadãos, os responsáveis pelos destinos da cidade (pólis).” (CRISOSTOMO; VARANI; PEREIRA, 2018, p. 25).

Em que pese a força etimológica do termo, transcorridos aproximadamente vinte e sete séculos, sobretudo, com o aumento populacional, a implantação do modo de produção capitalista e o crescente processo de globalização, é de se considerar que:

[...] hoje a ética assume novas ideias, até poucas décadas os valores eram totalmente voltados ao indivíduo e sua comunidade em torno. À medida que as comunidades foram se globalizando e sendo muitas vezes “engolidas por outras maneiras de agir”, o termo passa a ser pensado também para uma tomada de consciência mundial e não só mais voltada ao homem e sim ao planeta e aí sim o conceito de morada seria expandido para toda a esfera terrestre levando os conceitos iniciais do bem e mal a todos os seres vivos. (CRISOSTOMO; VARANI; PEREIRA, 2018, p. 26, grifo do autor).

Essa tomada de consciência mundial acerca do planeta terra como morada, mesmo que distante de ser concretizada, se faz importante porque direciona o olhar e a ação para uma concepção ecológica de humanidade, que sinaliza, sobretudo, para um “pensamento de fronteira” em que a diversidade faz parte de um ecossistema que precisa ser respeitado e cultivado, como forma de manter a dinâmica do bem-viver.

Pegoraro (2010), numa perspectiva mais normativa, complementa que a ética fundamenta o ordenamento jurídico e, portanto, tudo o que é considerado certo e errado.

As relações éticas se consolidam nos hábitos pessoais, costumes coletivos, nas tradições seculares que a autoridade competente fixará em leis. Portanto, no terceiro ângulo está lei, que consolida os costumes. A constituição de um país é a fixação e o ordenamento das tradições, hábitos e costumes de um povo em um dado momento de sua história: é o manual ético de uma nação. (PEGORARO, 2010, p. 13).

Contudo, vale destacar que a ética, como domínio científico em busca do entendimento do comportamento humano e de seus valores como indivíduo e sociedade, se ajusta às mudanças paradigmáticas estimuladas por novos contextos, novas contradições e novas limitações teóricas, tais como ocorreram no campo da Ciência da Informação em que as perspectivas de estudo sobre o fenômeno informacional vão se ajustando e ganhando novas dinâmicas, conforme observado em Capurro (2003). É certo que:

Como saber formal, a ética é considerada uma indagação filosófica, crítica e reflexiva acerca da moral, a qual abrange as questões sobre o sentido e a finalidade da vida humana, e sobre as normas e valores que motivam e orientam as ações dos homens, em direção a alguma proposição de bom viver e de justiça. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2017, p. 19).

A ética da informação, em particular, surge como um campo de estudo e de reflexão mais contemporâneo, à medida que os desafios éticos resultantes da era da informação e da era da tecnologia se tornam cada vez mais evidentes. Com feito, pode-se relacionar a ética da informação ao paradigma social (CAPURRO, 2006), notadamente, devido à sua perspectiva voltada ao usuário e à responsabilidade social da informação. Nesse contexto, ética da informação é uma disciplina que se preocupa com a proteção da privacidade, a

justiça social e a liberdade de expressão, entre outras possibilidades, investigando a natureza moral dos sistemas de informação e os valores éticos atrelados à tecnologia. Trata-se de entender as possibilidades de uso da tecnologia da informação, na promoção do bem-estar humano e da justiça social, bem como os efeitos negativos relacionados a esse uso.

A ética da informação se destaca em assuntos relacionados à coleta, ao armazenamento, ao processamento, à vigilância, à apropriação e à disseminação da informação, tomando como referência a responsabilidade social na proteção de informações confidenciais, a censura e a justiça social, no mundo digital. A rigor, considera-se que as tecnologias digitais, como outros artefatos sociais, são condicionadas pelas relações de hierarquia, de poder e de saber, e, por conseguinte, são atravessadas pelas marcas da colonialidade, com todas as suas determinantes de submissão, de opressão e de exclusão.

A partir deste ponto, pode-se questionar acerca das possíveis relações entre as epistemologias do Sul e a ética da informação, especialmente, no domínio da Ciência da Informação, que, ao estudar o fenômeno da informação em sua dinâmica, deve considerar as forças e os poderes que governam seus processos, desde a produção ao uso. No livro “Epistemologias do Sul”, Santos e Meneses (2009) organizam uma rede de pensamentos e discussões que procuram questionar as perspectivas epistemológicas dominantes que, baseadas em uma visão eurocêntrica do conhecimento, despreza os conhecimentos oriundos do Sul Global.

No horizonte da ética da informação, é forçoso considerar que esse pensamento colonialista e de neutralidade provocou um verdadeiro epistemicídio (SANTOS; MENESES, 2009), diante de conhecimentos tradicionais, em detrimento da sobreposição de conhecimentos com a ideia da existência de uma autoridade cognitiva. Desafiar a hegemonia destes conhecimentos é de extrema importância para o estabelecimento de diálogos justos, valorizando a pluralidade de saberes e contribuindo para a superação de (pre)conceitos sobre o que é ciência e seus valores.

Ao considerar a ética da informação e as epistemologias do Sul na Ciência da Informação é possível perceber como esses assuntos se inter-relacionam e estimulam, no horizonte de Mignolo (2010), um pensamento crítico que, ao se contrapor a um pensamento indutivo, torna-se capaz de se estabelecer práticas científicas e informacionais mais humanas e justas, que consideram, sobretudo, a interculturalidade. Esse entendimento,

parte da ideia de conhecimento para reflexão acerca da alteridade, ou seja, do (re)conhecimento, da individualidade e das especificidades do outro.

É importante ponderar, nesse contexto, que a ética por si só não é dominante ou subjugante. Ao abordar a ética dominante, refere-se à predominância de princípios morais e de valores que se sobrepõem a outros, exercendo, em certa medida, influência e definindo padrões de comportamento para outras sociedades que estão inseridas em contextos social, político, econômico e cultural diversos. Com efeito, Paulo Freire (1987), em seu livro “Pedagogia do oprimido”, fez uma crítica à ética dominante, ao destacar as relações de poder presentes na educação, defendendo que a ética não é neutra. Esclarece que, pelo contrário, esse tipo de pensamento só acentuou as injustiças e as assimetrias sociais. A ética deve promover a igualdade e a justiça.

Dussel (1998), ao propor uma ética voltada para a justiça social, a transformação das estruturas de poder e de exclusão, possibilita aproximação com uma ética da informação ao transpor as suas críticas ao mundo tecnológico e às práticas informacionais adotadas, especialmente, ao se considerar aspectos como desigualdade de acesso, concentração de poder informacional, privacidade de dados, vigilância algorítmica e epistemicídio.

Mignolo (1995), em seu livro “The darker side of the renaissance” questiona a naturalidade com que ideias produzidas por determinadas regiões geográficas, como a Europa, são percebidas e, por vezes, aceitas como superiores aos de países historicamente colonizados. Há um questionamento em relação à imposição do conhecimento ocidental como universal. Aí, observa-se uma constante necessidade de buscar uma ética plural, que reconheça vozes e experiências marginalizadas, valorize as diferentes tradições éticas e culturais com base em seus contextos político, social e econômico, questionando as estruturas de poder que historicamente guiaram os indivíduos, a fim de se construir não só um pensamento decolonial, mas uma *práxis* que vá refletir em diversos campos do saber.

4 ÉTICA INTERCULTURAL DA INFORMAÇÃO: IMPLICAÇÕES SÓCIO-EPISTÊMICAS

A prática de uma ética da informação que leve em consideração a interculturalidade por uma sociedade mais justa, ou, em outros termos, a adoção de uma ética intercultural da informação requer inevitavelmente um pensamento crítico sobre as estruturas que orientam as atitudes, sejam elas nas pesquisas, apropriação ou divulgação de informações.

Para tanto, faz-se necessário refletir também acerca da ética, como domínio científico, que questione as estruturas de poder que perpetuam as injustiças, para buscar uma sociedade mais segura e inclusiva. Nessa perspectiva, resta claro que as epistemologias do Sul fazem um convite à reflexão sobre as formas tradicionais dos conhecimentos aceitos como verdadeiros, desconsiderando as demais perspectivas.

Vale ressaltar que esse tipo de discussão é importante quando se parte do pressuposto de que a informação não é neutra, a partir do momento que toda prática informacional traz implicações, sejam elas éticas, políticas e/ou sociais.

Os múltiplos olhares sobre a temática ética da informação se traduzem em contribuições relevantes para o arcabouço teórico do campo da Ciência da Informação, no que diz respeito ao compromisso ético dos cientistas nas suas pesquisas, a transparência das políticas públicas de apoio às atividades científicas, e ao compartilhamento dos resultados na comunidade acadêmica e na sociedade em geral. Mas, especialmente, nos informa sobre a emergência, na sociedade contemporânea, de princípios para uma prática ética fundada no respeito à vida e à dignidade humana, no campo científico. (FREIRE, 2017, p. 201).

Ao pensar em uma ética intercultural da informação, pode-se considerar as ideias de González de Gómez (2009) acerca de uma ética da informação universal, que deixa evidente o desafio complexo dessa abordagem, pois deveria se considerar todos os princípios e os valores éticos de todos os seres, independentemente de seu contexto histórico e cultural. Este modelo deveria promover um maior diálogo intercultural, com respeito às diferenças históricas e culturais, promoção da justiça cognitiva e fortalecimento de identidades culturais, permitindo uma visão holística da ética da informação. A autora considera que a ética intercultural enfatiza a importância de considerar as diferenças culturais e históricas na construção de uma ética da informação, reconhecendo que diferentes culturas têm diferentes valores e normas éticas.

No domínio epistemológico, essa perspectiva representa uma mudança paradigmática, considerando, a partir de Almeida e Santos (2023, p. 8), “[...] o conhecimento científico não como sinônimo de verdade absoluta ou um dogma: é uma construção coletiva em permanente aperfeiçoamento e atualização.” Esse tipo de construção permite o questionamento de algumas verdades científicas e possibilita o uso de outras lentes teóricas.

Entender as complexidades acerca dos conhecimentos e a necessidade de criação de pontes que possam conectá-los e compreendê-los partir de seus contextos parece ser uma ação que exige bastante esforço individual e coletivo, mas que, em certa medida, vem sendo

influenciada pela insatisfação e pela ausência de respostas devidas pelos paradigmas vigentes. Um destes caminhos aponta para a aceitação de um paradigma emergente designado de paradigma intercultural, que se apresenta como uma alternativa para o diálogo entre uma cultura que foi herdada e uma desconhecida, situação crítica nos domínios marcados pelo poder da colonialidade.

É importante destacar que essa perspectiva permite tornar visível, reconhecer e compreender como os povos indígenas, os afrodescendentes e os ciganos, os povos camponeses, as populações sexualmente diversas, as mulheres, entre outros, produzem e usam a informação. E, em termos de CI, trabalhar questões relacionadas à produção e transferência de conhecimento plural localizado em informações locais. (CARDONA; SILVA, 2020, p. 60, tradução nossa).

Esta perspectiva epistemológica tem como base uma política intercultural da informação, que procuraria tratar de forma ética os conhecimentos marginalizados, respeitando-os e resguardando-os para que não sejam ignorados e esquecidos, especialmente em seu território, retomando assim o seu sentido etimológico de segurança e de abrigo para essas comunidades.

O olhar intercultural no campo da Ciência da Informação, segundo Cardona e Silva (2020), precisa considerar que a informação deve estar a serviço dos usuários e não eles a serviço da informação, bem como a importância de um diálogo que observe o contexto, o território e os modos de produção de conhecimento, mesmo que não correspondam ao fazer científico tradicional. Em outros termos, tratar-se-ia de um olhar ético da informação sob as perspectivas das epistemologias do Sul e, conseqüentemente, orientado a um paradigma emergente intercultural, que procure promover ações que ultrapassem as discussões teóricas e transbordem a importância da informação para todas as populações.

Numa perspectiva mais social, a sensibilização e a educação dos profissionais que lidam com a informação contribuem grandemente para a ampliação cognitiva tão esperada na construção de uma responsabilidade intelectual, principalmente, considerando a dívida histórica junto às comunidades tradicionais. Com efeito, pode-se mencionar algumas formas de proteção e de preservação desses conhecimentos originários, como, por exemplo, compreensão da dinâmica de produção destes saberes visando melhor apropriação, tratamento e respeito, capacitação para essas comunidades acerca do registro e do controle de seus conhecimentos, e implantação de repositórios digitais, entre outros.

Na Austrália, um mal-entendido comum é que isso equipara o conhecimento indígena ao conhecimento “passado”, quando, na verdade, os povos indígenas

consideram que seu conhecimento é contínuo. (NAKATA *et al.*, 2013, p. 7, tradução nossa).

Na prática, em uma perspectiva ética, o profissional da informação deve considerar esses conhecimentos e as informações sobre eles a partir do entendimento e do respeito da comunidade que o detém. A divulgação e a apropriação dos conhecimentos devem ser realizadas de forma harmoniosa e entendendo que, apesar de ancestrais, não são necessariamente do passado, mas contínuos. Então, urge a necessidade de romper com as limitações ontológicas e epistemológicas pré-estabelecidas pelos sistemas de dominação e traçar novos caminhos diante da existência das diversas cosmovisões, para garantir a participação mais ativa de comunidades deixadas à margem do padrão científico, em prol de justiça social e de redução das assimetrias cognitivas bastantes presentes na ciência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As delimitações teórico-conceituais e as reflexões preliminares empreendidas nesta comunicação consideram que a ética da informação ganha novos contornos na Ciência da Informação, quando dialogada com a ética intercultural e as epistemologias do Sul, na medida em que pode sedimentar uma perspectiva mais crítica acerca do pensamento informacional contemporâneo ou, como diria Mignolo (2003), de um pensamento informacional de fronteira. É certo que alguns estudos já sinalizam neste sentido, envolvendo questões de gênero, de raça e de sexo, mas com abordagens muito pontuais.

Nesse horizonte, uma ética intercultural da informação pode desempenhar um papel essencial na construção de um ambiente informacional mais justo. Os resultados empíricos preliminares demonstram a centralidade das pesquisas sobre ética da informação em processos e produtos relacionados às tecnologias digitais de informação. As discussões teóricas realizadas a partir desse vazio epistêmico em torno da interculturalidade podem contribuir inicialmente para a reflexão sobre o acesso, a apropriação e o uso da informação, em contextos diversos e, especialmente, na produção, na comunicação e na divulgação de conhecimentos sobre ética intercultural da informação. Esse não é um exercício fácil, pois pensar em uma ética intercultural coloca o desafio de despertar sobre a desigualdade informacional de, para e sobre alguns grupos étnicos e culturais, e ultrapassar fronteiras, sem perder de vista o respeito, a justiça e a harmonia que esse processo deve ter.

A estreita relação que a ética da informação tem com as epistemologias do Sul, no que se refere à justiça e à responsabilidade social, bem como a igualdade e o bem viver, demonstra que o reconhecimento da pluralidade de saberes não é só possível, mas se faz necessária para que se possa, pelo menos, diminuir o monopólio intelectual e permitir novas lentes teóricas que alcancem outros saberes historicamente marginalizados.

Por fim, considera-se que a Ciência da Informação, campo de orientação interdisciplinar em que atuam profissionais de diversas áreas, deve procurar ter consciência e cuidado em relação aos impactos tecnológicos, epistemológicos, sociais e, em última análise, culturais que a informação pode trazer, especialmente, em relação à produção, ao acesso, à apropriação e ao uso de informações que afetam os povos historicamente marginalizados. Trata-se de alargar as fronteiras da informação sobre a diversidade de saberes e, para tanto, ampliar e aprofundar as abordagens em torno desses saberes, tomando como referência a ética intercultural da informação. Com efeito, deve-se considerar a historicidade e, por conseguinte, os aspectos sociais, políticos, econômicos e ambientais da contemporaneidade e seus potenciais reflexos em termos epistemológicos e metodológicos para o campo, apontando possibilidades de renovação nessa perspectiva.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, A. O indigenismo na era da informação. **Ponto de acesso**, Salvador, v. 3, n. 2, p. 158-191, 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/81654>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ALMEIDA, M. A.; SANTOS, G. F. Novos desafios epistêmicos e sociais da ciência da informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 28, n. esp., p. 1-22, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/92952/53052>. Acesso em: 28 jun. 2023.

CARDONA, N. D.; SILVA, F. C. G. **Epistemologias Latino-Americanas na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: contribuições da Colômbia e do Brasil. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2020.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 6 jul. 2023.

CAPURRO, R. Towards an ontological foundation of information ethics. **Ethics and Information Technology**, v. 8, p. 175-186, 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/31906652/Towards_an_ontological_foundation_of_information_ethics. Acesso em: 5 jun. 2023.

CRISOSTOMO, A. L.; VARANI, G.; PEREIRA, P. S. **Ética**. São Paulo: Grupo A, 2018.

DUSSEL, E. En búsqueda del sentido (origen y desarrollo de una filosofía de la liberación. **Anthropos**, n. 180, p. 13-36, 1998.

DUSSEL, E. **Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FREIRE, I. M. Sobre ética da informação, na contemporaneidade. **Pesquisa brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 196-201, 2017. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2018/01/pdf_64fc2a27ad_0000029310.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Desafios contemporâneos da Ciência da Informação: as questões éticas da informação. In: ENCONTRO NACIONAL PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2009. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/handle/123456789/313>. Acesso em: 18 jun. 2023.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Reflexões sobre Ética da Informação: panorama contemporâneo. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; Regina de Barros CIANCONI, R. B. (org.). **Ética da informação: perspectivas e desafios**. Niterói: PPGCI/UFF, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.

MENEZES, A. H. N.; DUARTE, F. R.; CARVALGO, L. O. R.; SOUZA, T. E. S. **Metodologia científica: teoria e aplicação na educação à distância**. Petrolina, 2019.

MIGNOLO, W. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Buenos Aires: Del Signo, 2010.

MIGNOLO, W. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

MIGNOLO, W. **The darker side of the renaissance: literacy, territoriality and colonization**. University of Michigan, 1995.

NAKATA, M.; BYRNE, A.; NAKATA, V.; GARDINER, G. Indigenous knowledge, the Library and Information Service Sector, and protocols. **Australian Academic & Research Libraries**, v. 36, n. 2, p. 7-21, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00048623.2005.10721244>. Acesso em: 15 jun. 2023.

PEGORARO, O. A. Historicidade da ciência e da ética. **Revista bioethikos**, v. 4, n. 1, p. 10-18, 2010. Disponível em: <https://saocamilo-sp.br/assets/artigo/bioethikos/73/10a18.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2023.

PRADO, J. S. História e método científico: o anarquismo epistemológico de Feyerabend. **Revista filogênese**, v. 14, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://www.marília.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/historia-e-metodo-cientifico.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 92p.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. Introdução. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra, 2009. p. 9-19.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Herder, 1967.

SILVA, J. L. C.; FREIRE, G. H. A. Um olhar sobre a origem da Ciência da Informação: indícios embrionários para sua caracterização identitária. **Encontros Bibli: revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 17, n. 33, p. 1-29, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2012v17n33p1/21708>. Acesso em: 12 jun. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR); UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS). **Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI)**. Curitiba: UFPR-UFRGS, 1972-2023. Disponível: <http://www.brapci.inf.br>. Acesso em: 6 jul. 2023.

WALKER, M. U. **Moral understandings: a feminist study in ethics**. New York: Oxford University Press, 2007.